

Várias histórias





MACHADO DE ASSIS

Várias histórias

TEXTO INTEGRAL

Cotejado com a edição crítica
do Instituto Nacional do Livro

Apresentação de

Alcides Villaça

gerente editorial Claudia Morales
editor Fabricio Waltrick
editor assistente José Muniz Jr.
assistente editorial Grazielle Veiga
diagramadora Thatiana Kalas
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisão Flávia Yacubian e Cláudia Cantarin
projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
coordenadora de arte Soraia Pauli Scarpa
editoração eletrônica Luiz Henrique Dominguez

imagem da capa Paisagem 25, 2009, obra de Lucia Laguna

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A866v
6.ed.

Assis, Machado de, 1839-1908
Várias histórias / Machado de Assis ; apresentação Alcides Villaça.
- 6.ed. - São Paulo : Ática, 2012.
168p. : il. - (Bom Livro)

Inclui apêndice
ISBN 978-85-08-15417-3

1. Conto brasileiro. I. Título. II. Série.

10-4330.

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 15417-3 (aluno)
Código da obra CL 737835
CAE: 268327

2017
6ª edição
5ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Várias histórias de um mestre 7

Advertência 15

A cartomante 17

Entre santos 26

Uns braços 34

Um homem célebre 42

A desejada das gentes 51

A causa secreta 59

Trio em lá menor 68

Adão e Eva 76

O enfermeiro 81

O diplomático 89

Mariana 98

Conto de escola 106

Um apólogo 114

D. Paula 116

Viver! 124

O cômico ou metafísica do estilo 131

Vida & obra 137

Resumo biográfico 163

Obras do autor 165

Obra da capa 167

VÁRIAS HISTÓRIAS DE UM MESTRE

Alcides Villaça

Professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP).



Ainda não perdemos de todo (perderemos algum dia?) o prazer de contar e de ouvir histórias. Mudam os narradores e as experiências, alteram-se os valores e as formas de transmissão, mas desde as primitivas rodas de conversa ao pé do fogo, de nossos ancestrais, conservamos esse interesse básico por saber o que ocorreu, ou o que poderia ter ocorrido, ou mesmo o que seria absurdo ocorrer com alguém, em algum lugar, em algum momento, por algum motivo.

Esse prazer não nos toma apenas quando se trata de fatos excepcionais; uma narrativa pode ter interesse ao mostrar o que há de significativo na situação mais corriqueira. Não é nos detalhes e no cotidiano que, tantas vezes, as pessoas se revelam por inteiro? Machado de Assis é um mestre na arte de surpreender e desvendar os seres, os valores e as instituições nos momentos em que melhor se definem; é um mestre na arte de ligar o gesto explícito ao interesse oculto, o fato aberto ao significado encoberto.

Partiu quase sempre da observação de seu mundo, isto é, da vida no Rio de Janeiro dos meados do século XIX ao início do XX. Por outro lado, soube tirar os olhos da cena realista para representar, ao modo de fábulas, alegorias e relatos fantasiosos (como em “Viver!”, “Um apólogo” ou “O cônego ou metafísica do estilo”), os elementos de base de seu universo de crenças (melhor seria dizer: descrenças) pessoais. Em qualquer caso, será sempre um narrador meticuloso, implacavelmente lúcido, estruturando situações e manejando personagens que constituem (ai de nós!) espelhos críticos para os seus leitores.



Várias histórias (1896) é um dos poderosos livros de contos da maturidade do escritor, por ele mesmo selecionados entre os que publicava nos jornais

(sobretudo na *Gazeta de Notícias*). Machado foi talvez menos revolucionário nesse gênero que no romance (em *Memórias póstumas de Brás Cubas* permitiu-se todo tipo de ousadia), mas alguns de seus maiores críticos (como Lúcia Miguel-Pereira e Augusto Meyer) consideraram que a forma do conto cai à perfeição para um escritor que explora a análise detalhista, miúda, de personagens e acontecimentos que se revelam mais nítidos em situações concentradas. O fato é que, contista ou romancista, Machado tornou-se insuperável em desmascarar os motivos alegados pelos homens em suas decisões mais comprometedoras.

O interesse que a obra machadiana desperta não está, porém, em seu sentido propriamente condenatório. O caráter mais provocante de seu narrador está em que, depois de desnudar tantos valores, ele não os substitui por nenhum: deixa-os em cena, congelados, e sai. Este é, talvez, o jogo superiormente político da arte machadiana: passar-nos a responsabilidade de constituirmos nós mesmos, se quisermos, algum valor moral, ético, político ou religioso, que pretendamos sustentar de modo objetivo. A significação profunda das situações narradas fica sempre em aberto, desafiando-nos a situá-la num plano mais determinado.

Tomemos, por exemplo, o conto “A cartomante”: que sensação restará em nós depois de seu final abrupto? Pena pelos amantes imprudentes? Indiferença por sua sorte de ingênuos? Desprezo por sua vulgaridade? Ou a desconfiança de que a figura que importa é mesmo a daquela cartomante, expressão prosaica do Destino indiferente à Humanidade? Ou valerá mais a suspeita de que o conto é, no fundo, o testemunho de um escritor que se mostra sem heróis, sem sublime, sem paixão, sem tragédia para narrar, num tempo em que a banalidade dá o tom e não abre mais espaço para algum Shakespeare? O conto continua a nos provocar, como uma grande interrogação lançada sobre o valor das experiências, do traçado de nossas vidas, da arte de hoje no confronto com a mais alta tradição.



Várias histórias tem um mundo de temas que se cruzam e que nos estimulam a reconhecer a mirada crítica desse astucioso narrador. Acompanharemos, em “Um homem célebre”, a oscilação entre o querer e o poder fazer, entre a identidade ideal que se busca e a identificação real que os atos já constituíram; em “A causa secreta”, veremos como a figura de um

sádico aparece socialmente como a de um benemérito, e como são sutis e variadas as formas de extrair prazer do sofrimento alheio; em “O enfermeiro”, testemunharemos o quão frágeis são os valores de nossa consciência moral, quando atrapalham o pleno desfrute da fortuna que a sorte, irônica, atirou em nossos braços; em “D. Paula”, observaremos como é longa a distância entre os princípios de conduta que recomendamos aos outros e o prazer que já vivemos exatamente por havê-los quebrado; em “Uns braços”, assistiremos à senhora madura e ao adolescente sonhador, carentes ambos, encontrando-se e desencontrando-se num mesmo sonho proibido; em “Mariana”...

Chega. Falar mais é retardar a entrada de quem conta.



Várias histórias

Mon ami, faisons toujours des contes... Le
temps se passe, et le conte de la vie s'achève,
sans qu'on s'en aperçoive.

DIDEROT*

* **Diderot:** Denis Diderot (1713-1784), filósofo e escritor francês. Esta epígrafe aparecia, originalmente, na folha de rosto do livro. Tradução: "Meu amigo, escrevamos contos sempre... O tempo passa, e o conto da vida se acaba sem que nos demos conta". (N.E.)

ADVERTÊNCIA

As várias histórias que formam este volume foram escolhidas entre outras, e podiam ser acrescentadas, se não conviesse limitar o livro às suas trezentas páginas. É a quinta coleção que dou ao público. As palavras de Diderot que vão por epígrafe no rosto desta coleção servem de desculpa aos que acharem excessivos tantos contos. É um modo de passar o tempo. Não pretendem sobreviver como os do filósofo. Não são feitos daquela matéria, nem daquele estilo que dão aos de Mérimée o caráter de obras-primas, e colocam os de Poe* entre os primeiros escritos da América. O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias, é naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos.

M. DE A.

* **Mérimée:** Prosper Mérimée (1803-1870), historiador e escritor francês; **Poe:** Edgar Allan Poe (1809-1849), escritor norte-americano. (N.E.)

A cartomante

Hamlet observa a Horácio¹ que há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: “A senhora gosta de uma pessoa...” Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

1 **Hamlet** e **Horácio**: personagens do drama *Hamlet*, do escritor inglês William Shakespeare (1564-1616). Hamlet, príncipe da Dinamarca, encontra-se com o espírito do falecido pai, que diz ter sido assassinado pelo próprio irmão. Horácio é o amigo fiel de Hamlet que comenta o estranho encontro e recebe a resposta citada no texto. (N.E.)